

SERMÃO

PRÉGADO NA

REAL CAPELLA DA LAPA

EM 24 DE SETEMBRO DE 1869

ANNIVERSARIO DA MORTE

DO SENHOR D. PEDRO IV

POR

E. V. DE MEIRELLES

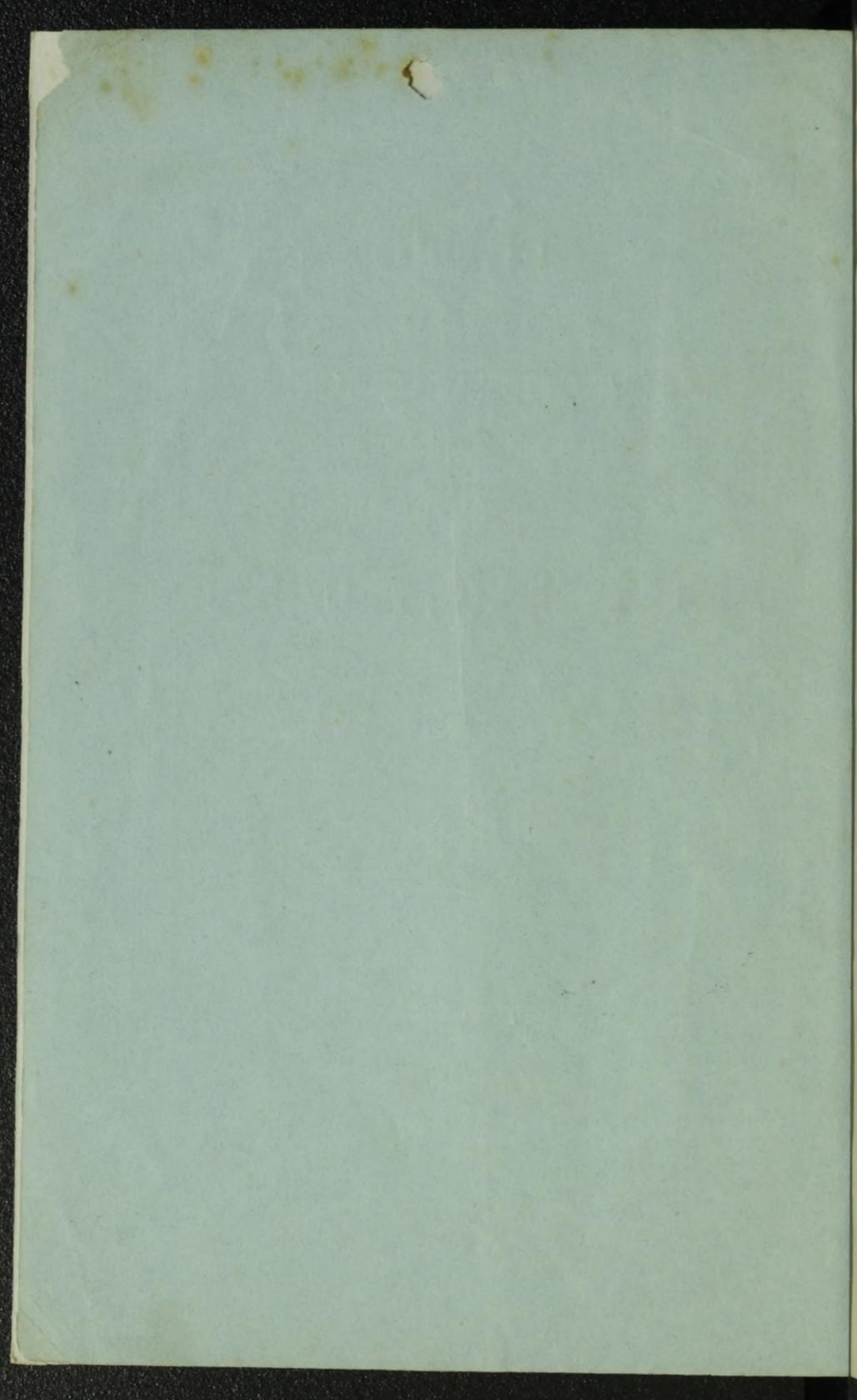
EDITOR

ANTONIO AUGUSTO LEAL

Rua da Fabrica n.º 10

—
PORTO.





130

SERMÃO

PRÉGADO NA

REAL CAPELLA DA LAPA

EM 24 DE SETEMBRO DE 1869

ANNIVERSARIO DA MORTE

DO SENHOR D. PEDRO IV

POR

E. V. DE MEIRELLES



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
Tombo Nº 69.643
MUSEU LITERARIO

PORTO

TYPOGRAPHIA DE A. A. LEAL
Rua da Fabrica n.º 10

1869

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lencóis Paulista - SP

SERRAÃO

PERGAMO NA

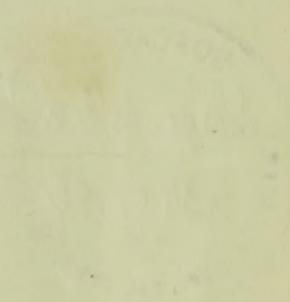
REAL CAPELLA DA LARA

ON 24 DE ABRIL DE 1788

ANTHONY DA SILVA

DO SENHOR DE PEDROIA

EM V. D. M. 1788



1788

PROCURADOR DA REAL

CAPELLA DA LARA

1788

THE UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY

AO EXM.º SNR. DR.
FERNANDO AUGUSTO D'ANDRADE PIMENTEL E MELLO
LENTE DE MEDICINA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

E
DEPUTADO DA NAÇÃO

EM TESTEMUNHO DE GRATIDÃO

✕
AFFECTUOSA SYMPATHIA

Offererece

E. V. de Mairalles.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILLINOIS 60637
TEL: 773-936-3700
WWW.CHICAGO.EDU

Dedit se ut liberaret populum suum; et acquireret sibi nomen æternum.

Devotou-se pela liberdade do seu povo, e por isso vive na immortalidade da historia.

L. DOS MACCABEUS=cap. 44.

I

«Ai, o extincto só herda o esquecimento!»

soluçã a musa da soledade no estro inspirado do cantor da=HARPA DO CRENTE.

Grande ou pequeno o homem corre na vida como o meteoro no espaço—aponta, flammeja e esvaece-se?! !

O sceptro e o cajado, a realeza com a sua purpura e a miseria com os seus andrajos, a corôa de louros illuminada pelos raios da victoria, e o diadema d'espinhos

orvalhado pelo suor da agonia, tudo devora o tempo implacavel, tudo se funde n'um cadinho voraz e mysterioso!

Attentae, senhores, n'este fluxo e refluxo dos homens e das cousas; segui a torrente, que se arroja tumultuosa e férvida da sua matriz longinqua e vae ensurdecendo e calando, a par e passo que a vão sorvendo o abysmo dos dias e dos annos, e repetireis com Massillon—só Deus é grande, lá em cima, nas alturas, e direis comvosco—só é grande o esquecimento, cá em baixo, entre as nossas preocupações e leviandades!

Estranho e doloroso, bem sei, mas verdadeiro e quasi fatal.

Entrae o cemiterio e lêde, não este ou aquelle epitaphio, que a mão do filho, do amante, ou da mãe, entalhou na pedra recente, que desceu sobre o cadaver ainda morno, mas o distico pavoroso, que reluz da fachada do cemiterio. Que encontraes? Igualdade! só igualdade! Tudo igual no seio da morte, tudo igual diante de Deus, igual tudo perante o esquecimento!

Ingratidão, miseria? o —*homo homini lupus* de Hobbes?

Oh! não! não é o homem que é lobo, que serve os seus mortos no banquete da vida; é a vida que tem imposições severas e indeclinaveis, que se debate n'uma tempestade de contradicções e d'exigencias fataes, que luta para não morrer!

Que quereis?

O filho não pôde arrefecer a sua mão febril na mão gelada do cadaver, que lhe foi pae ou mãe, porque é necessario que o filho seja tambem pae d'outros, que lhe farão o mesmo; o amante não pôde arrancar

da frente pallida da mulher inanimada a grinalda de goivos e seguir ao noivado do sepulchro, porque a mocidade e o amor são mais fortes que a morte; e a mãe que vê expirar-lhe nos braços estremecidos o enlevo, a luz, e o calôr da sua existencia—um filho—até essa deixa escorregar no tumulo o corpo adorado, para segurar anciada a vida d'outros filhos! A dôr, quando não mata, esquece, e esquece porque é preciso viver. E comtudo, senhores, se o esquecimento é quasi lei n'este mar revolto do seculo, em que um turbilhão de forças multiplices envolve o homem, nem por isso é tão inflexivel e absoluta, que nos arranque do coração o passado e rasgue em pedaços essa tela, onde, ao lado das sombras tristes da angustia e da dôr, realçam as côres vivazes e doiradas d'alegrias purissimas.

D'onde vimos e para onde vamos?

Eis a interrogação espontanea e irresistivel, que se levanta de todos os espiritos, ainda os mais desvaierados pelas necessidades do presente, os gozos e appetites do minuto, as illusões e enlevos do ultimo quarto d'hora! Quando o espinho nos vara o peito, e a frente desfallecida cahe no leito das tribulações, é então que os impulsos da vida reagem contra o circulo de abroelhos, e vão abrigar-se nos seios do passado.—«Recordar-se, consolar-se!»—disse o poeta, e sentimol-o todos que, mais ou menos, sempre temos uns ramos de flôres onde poisar os olhares magoados, e onde aspirar alguns perfumes em vez do pó desfeito dos desenganos.

A solidão vale o mesmo que a morte, e contra ella possuimos a memoria eterna das grandes cousas e das bellas obras, a memoria das innocencias e das virtudes, a memoria do bem, do bello e da verdade, que são os tres raios luminosos da vida, que são o indeclinavel

dever de quem passa na terra, olhando em si a imagem de Deus!

Recordemos pois, e consolemo-nos! Recordemos, não este ou aquelle sentimento pessoal, esta ou aquelle alegria dos nossos tempos doirados, mas o nome immenso d'Aquelle, que se devotou pelo seu povo e por isso vive na immortalidade da historia—*dedit se ut liberaret populum suum, et acquireret sibi nomen æternum!*

Recordar o Heroe é consolar-mo-nos? Sim! a consciencia e o entendimento, o coração e até o proprio egoismo, todas as faculdades e potencias do nosso ser o impõe. Como povo e como individuos, como filhos, que ajoelham ante a memoria de seus paes, e como cidadãos, que temos a responsabilidade da maior herança da terra, a herança da liberdade e da civilisação, toda a nossa vida, no que ella irradia de maior, mais generoso e nobilissimo, está alli, dentro d'aquella urna, fechado n'aquelle magnanimo coração. Tactei-a fibra por fibra e ouvireis n'essa eterna lyra das sete cordas, os accentos mais altos e mais fortes da raça gigante que eram nossos avós e nossos paes, dos homens que sacrificaram n'aquella ara, não de marmore mas de carne, os seus bens, a sua vida, e a vida de todos os seus!

E' condão dos grandes homens resumirem em si, n'um dado tempo, todas as aspirações, crenças e ideias d'um povo; é obrigação dos grandes povos recordarem esse homem, evocarem-no d'entre o tropeço d'outros sentimentos, mais ou menos ligados ás suas paixões e interesses, e abraçarem-se no forte, como quem tenta consolar-se das miserias do presente e aquecer no seio a esperança do futuro! Recorde-

mol-o, porque a liberdade é o nosso bem, o nosso bello, e a nossa verdade! Recordemol-o porque a gloria eterna do seu nome é a gloria de nossos paes, que nos illuminou o berço, e a gloria consola e eleva quando é a gloria da civilisação e da liberdade, a maxima depois da gloria de Deus. Chore pois o poeta da=*Mocidade e morte*=porque o extincto só herda o esquecimento— que não morre o Heroe que libertou o seu povo e assim vive na immortalidade da historia. *Dedit se.....*

Fallo do Dador da Carta entre homens livres, de D. Pedro IV entre os portuenses, do Rei Soldado entre os batalhadores do cerco do Porto, a vossa benevolencia... é minha.

Principio.

II

O meu assumpto é vasto como o mundo, porque é a *morte* na sua accepção elevada e pura. Diante do tumulo o homem conturba-se e arqueja de terror!

Que diz a sphinge, o implacavel enigma, que de Job a Prometheu e de Prometheu até nós, zomba de todos os anceios e tristezas, de todas as lagrimas e amarguras do homem?

Ah! ella é muda como a pedra que a sella, e sem

entranhas como o vazio que deixou! Não a interrogueis, porque interrogaes menos que a sombra, fechaes os olhos da face e abri os olhos da alma, para descobrires na eterna Psyché, na luz alvissima da fé, que a illumina, o segredo d'aquella apparição fatal que monta o *pallido cavallo* do Apocalypse, e invisivel fere o sabio, o heroe, e o simples!

A sciencia balbucia, e treme confusa e hesitante, perante a morte, que ella explora e devassa nas suas ultimas fibras.

Que sabe!

Que o movimento vital cessou, que a decomposição começa, e, nada mais! Mas isto não responde á nossa anciedade, antes a incita e asservora. *Ou va l'homme sur terre?* diz o poeta. Ao tumulto certa e infallivelmente. E depois? Depois! Se vos ensinaram na infancia o testamento do Golgotha, se mais tarde reflectistes n'aquella doutrina ineffavel, a vista, ha pouco embaciada pelas lagrimas, eleva-se para cima, e penetra além da via lactea até aos esplendores supremos. Serena e enxuta pelo calor da fé na religião de Jesus, vê Deus face a face=*face ad faciem*= e n'Elle a balança dos seres, equilibrada pela vida e pela morte.

A planta desaperta-se do grão, cresce, enflora, fecunda e fructifica, depois insensivel e naturalmente abandona pouco e pouco a sua vida ao germen, ao qual passa inteiramente, para enfim morrer. Morreu! eis a lei, morreu para dar vida a outra planta, eis tudo.

E é isto a morte para o homem? E', physiologicamente, reduzida a existencia á individualidade; não, se consideraes o homem na sua vida moral e nas suas obras. Morreré ter *vivido*, e a vida, segundo a justiça e segundo Deus, é possuir e amar uma ideia e um principio, es-

crever um livro, imaginar um poema, traçar uma maquina, e doutrinar um povo. Ter *vivido* é haver servido o seu paiz e a humanidade, salvado a honra e a vida de um homem, é obrar uma acção generosa, reparar uma injustiça, resgatar-se do maleficio pela confissão, o arrependimento, e as lagrimas !

Tudo isto é ter vivido, e eis ahí porque é morte !

Quando Moysés libertou Israel do longo captivoiro do Egypto, havendo-o disciplinado no deserto e conduzido triumphante ás terras de Chanaan, Moysés, diz o psalmista, morreu *no osculo de Jehovah*. Acabára a sua missão, morria feliz e tranquillo, como os que morrem em Deus. *Beati qui in Domino moriuntur !*

Quando um homem, que cinge duas corôas, que é imperador e rei, troca as insignias do poder pela modestia da vida particular, e despe a purpura augusta da realza e do imperio para a lançar nos hombros de duas creanças, não porque os seus, fortes como os do Hercules antigo, vergassem ao pezo d'aquelles mantos, mas porque a felicidade de dous povos corria empenhada n'esta resolução, tal homem serve o seu paiz e a humanidade, e acaba um feito generoso, um bello sacrificio de ambições, que aliás justificavam formosas prendas de espirito e coração.

Senhores ! Os imperadores e reis nascem, mas os heroes, os grandes cidadãos e os martyres da fé ou da sciencia, esses fazem-se, esculpem-se, cizelam-se a si proprios, não em bronze ou marmore, que o raio estrala e desfaz, mas n'um rasgo de abnegação, n'um sentimento generoso, n'uma ideia e acto de civismo. Assim foi Aquelle, que o mundo viu nascer Imperador e Rei, predestinado a duas corôas, e posto na galeria dos nossos monarchas com o nome de PEDRO IV, mas que o cora-

ção d'este brioso Portugal conhece pelo nome tres vezes sagrado de PHILOSOPHO, LIBERTADOR e HEROE.

E' mister sermos justos com todos, e mormente com os reis. A sua posição tão invejada é seguramente a menos propiciadora d'altos espiritos e formosas inspirações. Cercados de pompas e esplendores, respirando uma athmosphera de adulação e lisonja, affeitos a verem das alturas do throno os homens de rôjo nos estrados e tapetes do paço, que poderosos estímulos e incitamentos para feitos de gloria e virtude lhes brotarão da alma? Vêde, abri as paginas da historia, e dizei—quantos reis pelas obras e ideias contaes no cortejo immenso dos reis pelo nascimento?

Não maldigamos a instituição, que geraram qualidades venerandas, uns gigantes tão fortes e soberbos, que a sua aureola longinqua, a resplandecer na madrugada dos tempos, ainda hoje nos deslumbra até á cegueira! Não vibremos o sarcasmo á purpura da realleza, que foi a purpura sagrada do direito; deploremos antes as raças degeneradas, que os ares doentios da corte definham e enfraquecem a não poderem com a chlamyde e diadema dos heroes.

Agora, senhores! recolhamo-nos á contemplação dos improbos esforços que o espirito de D. PEDRO de-vera lidar para esquecer as magnificencias do solio e chegar ao heroismo e grandeza dos actos superiores! Que um Franklin, um Washington, ou Fernandes Thomaz, um filho do povo, ame os seus irmãos na oppressão e no destino, que sinta na sua carne e no seu sangue, em todas as fibras e potencias do seu ser, as longas e abafadas amarguras d'essa existencia de trabalhos e sacrificios, é natural, ainda que não é commum nem vulgar. Os paladinos generosos d'estas causas, aquel-

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo No 69643
MUSEU LITERARIO

les que consagram a vida e os bens ao triumpho da liberdade, quantos são na historia ?

A virtude como a sciencia e a santidade andam sempre altas e sempre distantes, com serem instincto natural ao homem e bussola dos seus destinos a verdade, o bem e o bello. Para essa luz de infinito esplendor é que todos caminhamos, mas não a passo igual, nem com igual coragem e perseverança. O caminho errica-se de espinhos agudissimos, é estreito e fragoso, e o corpo tem fraquezas e o proprio espirito desmaios, que só os esforços supremos logram vencer. Ora se n'essa luta cahe prostrado o maior numero, muitos dos que a sorte collocou nas melhores condicções de triumpho, que diremos d'aquelles para quem se levantam, contra as suas radiosas aspirações, o passado, a educação, as tradicções e conselhos dos que os cercam e lhes formam a athmosphera da sua vida moral? Que superioridade de coração, entendimento e character não é mister para romper a senda, que leva ao pomo doirado das Hesperides, ao termo final dos seus nobilissimos impulsos! Pois bem, senhores—toda essa iliada gigante de sentimentos oppostos, toda essa onda contradictoria de ideias e inspirações, toda essa batalha de concepções e affectos, referveu e tumultuou n'aquelle vasto coração!

Ah! senhores! não é uma apothese que eu desejo, que todos desejaes, é a voz da justiça que nos clama espontanea do fundo da consciencia. Vivo, os arminhos do poder, as insignias do mando e a aureola da magestade poderiam transviar a imaginação e arrancar á prodigiosa magnetisadora um hossana apaixonado; mas alli, despido das pompas da terra, na simples nudez do seu coração magnanimo—morto—que espe-

ranças ou promessas valeriam a empanar a serenidade da historia? Despidosos para as glorias das batalhas e dictaduras, não sejamos ingratos com os heroes do civicismo e da abnegação.

Devassamos os mares, avassalamos a India e levamos aos confins do mundo o nome portuguez. Fomos grandes então, mas a grandeza passou como a esteira das nossas armadas, e confrangidos na nossa triste pequenez viviamos apenas de recordações. O Gama e o Camões bastavam á nossa ingloria existencia, e com tudo a luz, que reverberava d'esses dous nomes, acabaria por cegar-nos. Demais eram um estimulo e como reprehensão contínua ao nosso marasmo. Os brazões obrigam, e o povo, que tem por ascendentes os descobridores de dous mundos, sente-se obrigado a uma vida honrada e digna! N'um seculo de explosões revolucionarias, todo aberto ao sol da liberdade, e fremen-te com o estalar das cadeias, que se fundiam no pulso dos povos, só nós, raça degenerada, haviamos ficar immoveis e quietos, como estatuas de granito! No quadrante das civilisações só nós teriamos uma agulha, que apontasse as horas do passado!! Não, senhores! Um povo só pára quando morre, e Portugal não devia morrer! Por grandes, por enormes que sejam os *Lusiadas*, nem por isso cabe n'elles o testamento d'uma nação!

Depois de Homero, depois da *Iliada* e da *Odyssea*, é que a Grecia desempenhou a sua immortal tarefa de civilisação; e a nossa ultima palavra haviam de ser os *Lusiadas*!!

Porque!

Vimos d'alli, sahimos d'aquella estirpe de gigantes, mas para ir ao futuro, á Atlantida moral do progresso e da liberdade? Isto sentiam os energicos revoluciona-

rios de 1820; isto sabiam muitos homens de sciencia e consciencia, poucos annos depois, como bem o comprehendia aquelle immenso espirito do Rei Soldado e do Imperador Cidadão. Eis a sua gloria, o seu triumpho e o seu heroismo!

Quando lá fóra diziam—Portugal agoniza,—houve um Redemptor, que a duas mil legoas de distancia, atravez do Oceano, ouviu bater o pulso do moribundo e encendido em enthusiasmo bradou—ainda não !! Eis o sangue das minhas veias; toma-o, bebe-o, e resurgirás á vida.

Esse sangue provamol-o todos, e ainda hi je nos inflamma ao ar purissimo da liberdade; n'elle nos baptisaram nossos paes, para entrarmos com a honra e com a paz n'esta immensa egreja do trabalho chamada civilisação.

E a taça, o vaso immaculado por onde se escoou, vê-de-o e ajoelhae, é o coração de D. PEDRO IV. Está mudo, bem sei, mas bate nas pulsações d'um povo livre. Quando nol-o arrancarem do peito, ha-de elle cahir desfeito tambem, mas depois de nos servir de mortalha.

E vós todos que, na dôr do vosso patriotismo, o pedis áquella urna, adorando-o ainda, interrogae-vos, e sentireis rediviva, no rythmo do vosso, a contracção d'aquella fibra energica. Reanima-se em vós porque o comprehendestes.

Lidador incansavel, surprehenderam-te as sombras da morte, ainda antes do meio dia da vida! Bem cedo embebeu o lençol funerario o suor que te estillava da purpura.

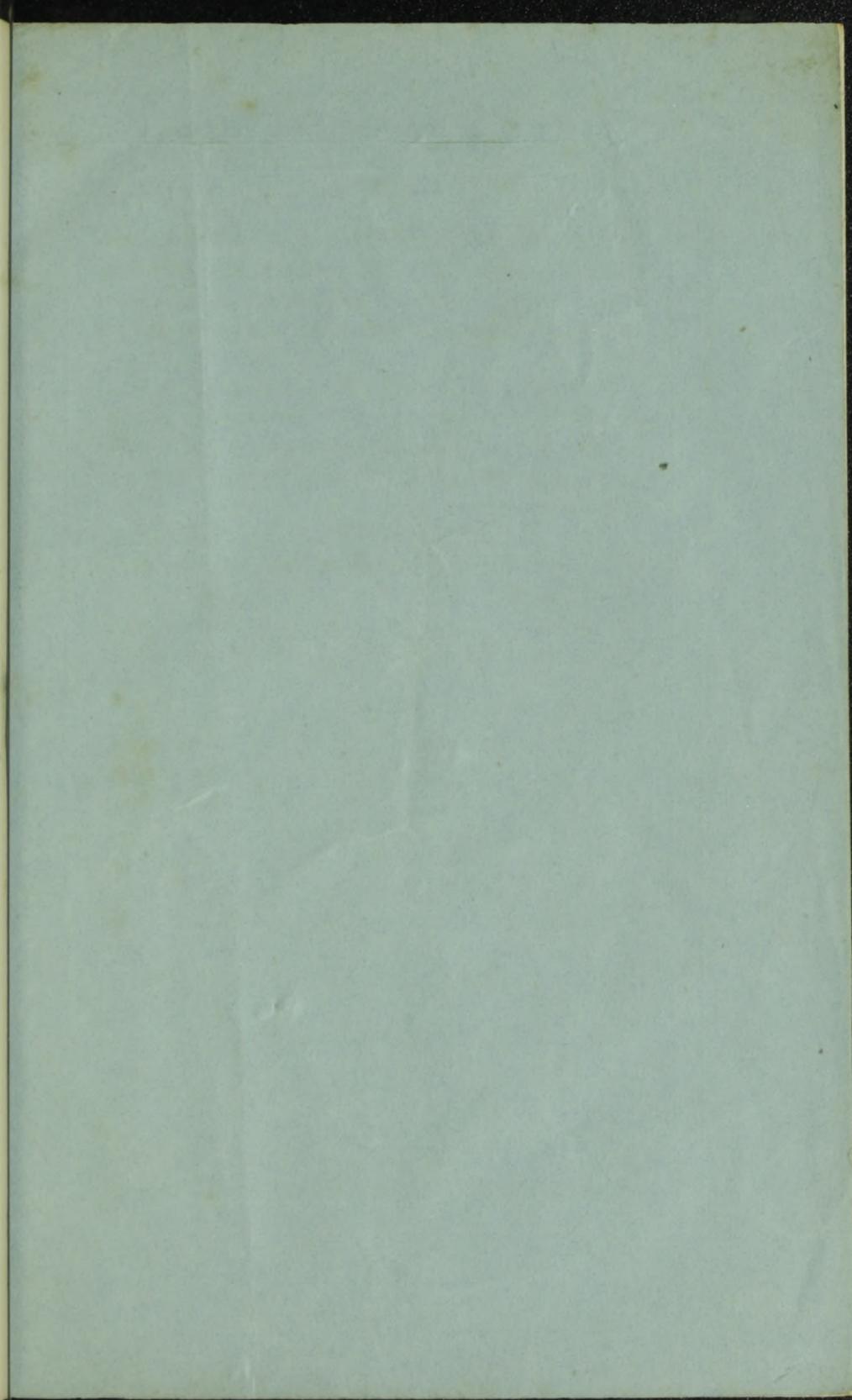
Despenhaste-te no tumulo aos trinta e cinco annos. E' o baque do que alli cahe, um como rebate da immorta-

lidade; e na terra nada ha immortal, senão a ideia generosa que tu serviste; no céo... Deus e os seus escolhidos. Levantaram-te os homens monumento immorredoiro no concerto universal da sua admiração pelo teu nome esplendido. São teus os seculos !!

E o teu epithafio, Nobre Fundador da Liberdade, simples como a ultima palavra da vida dos grandes homens, abril-o-ha a posteridade sobre o teu tumulo, com as duas mais bellas palavras da lingoa humana: **LIBERDADE E PATRIA.**

Agora descança no seio do Eterno, neto de D. João I, e, do alto da paz divina, desvela incessante a tua obra colossal.

Disse.



PREÇO 100 REIS



